

A METÁFORA OU A FORÇA CATEGORIZADORA DA LÍNGUA: RELEITURA DE LIÇÕES DE FILOLOGIA PORTUGUESA DE CAROLINA MICHAËLIS

0. As reflexões que vou apresentar provêm de ideias que me ocorreram ao reler *Lições de Filologia Portuguesa* de Carolina Michaëlis¹ - a primeira leitura foi feita pela mão do Prof. Paiva Boléo há cerca de trinta anos - e foram afirmações como “alargamentos de sentido”², ou explicações da motivação de certas palavras como a de *falar* em relação a FABULARE³, ou mudanças semânticas provocadas em palavras como em PLANUM de que resultam *chão* e *plano* e estas por sua vez se desdobram polissemicamente⁴ no jogo concreto-abstracto

¹ A edição de que me servi é de 1956 (CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS – *Lições de Filologia Portuguesa seguidas de Lições Práticas de Português Arcaico*, Lisboa: Nova Edição da ‘Revista de Portugal – Série A - Língua Portuguesa, Lisboa, 1956). Trata-se da publicação das “Prelecções feitas aos Cursos de 1911 e de 1912/13.

² «O nome *Portu cale*, meio latino, meio pré-românico, já se documenta no século V. Com o andar do tempo a aplicação restrita passou a território mais extenso até designar o país inteiro desde o Minho até ao Guadiana. Tais alargamentos de sentido são frequentes.» (MICHAËLIS, *Op. Cit.* pgs. 272es.).

³ «Falar provém de *fabulare*. ... Na Península *hablar* significa *dizer, significar idéias por meio de palavras*. Bem se vê que a princípio deve ter tido um certo ressaibo de censura, não à velocidade nem à demora, mas à pouca exactidão e muita fantasia dos habitantes. Nos outros países significa *razoar mal, dizer coisas sem sentido, falar demasiadamente* ou *com excessiva velocidade* como fazem os Meridionais» (MICHAËLIS, *Op. Cit.*, pg. 361).

⁴ «A par do *chão* que pisamos, temos o *plano* dos estudos que delincamos para o futuro: o modo *lhano* com que os benevolentes conversam afávelmente – com os seus inferiores; e também os *pianos* de Bechstein e Steinway em que Viana da Mota ou Óscar da Silva tocam composições próprias ou alheias, deixando-se esvaecer-se suavemente os *pianos* e *pianíssimos* da sua execução. O exemplo mostrou-nos como, além de latinismos, opostos às formas do falar comum, há entre as formas divergentes, **estrangeirismos** vindos de fora-parte: *lhano*, de Espanha; *piano*, da Itália.» (MICHAËLIS, *Op. Cit.*, pg. 40).

que me levaram ao tema da explicação da polissemia na perspectiva da actual linguística cognitiva, perante alguma perplexidade ainda existente na explicação da teoria em traços ou mesmo da teoria dos campos lexicais⁵.

1. Linguagem e conhecimento

A linguagem esteve desde sempre grudada no conhecimento humano⁶, e é esta dimensão que a linguística cognitiva procura actualmente levar até às últimas consequências. O sistema conceptual que emerge da experiência humana no dia a dia está a servir de base para a semântica em sentido amplo. Tem-se podido assim colocar debaixo do mesmo chapéu factos bem diversos, como a polissemia, a mudança semântica e a ambiguidade pragmática. Estes três dimensionamentos da língua têm de comum a circunstância de envolverem uma forma a exercer diferentes funções. Na mudança semântica, é uma mesma forma que historicamente ganha novas funções por força da substituição da antiga função, por exemplo, *todavía* (*tuttavia*, it., *anyway*, ingl.: ‘todos os caminhos’) que passa a significar ‘contudo, ou ainda aumentando ou diminuindo as suas anteriores funções, como COGNATU, que passa a significar, em vez de ‘parente’, ‘cunhado’⁷, ou MATAXA, que passa de ‘fio’ para ‘madeixa’, etc.: o problema que se põe aqui é o de se saber se o novo sentido tem alguma relação com o anterior e ainda verificar em que medida é que há regularidades nesse acrescentamento, nessa diminuição, nessa substituição de sentidos. No caso da polissemia (a ligação a uma mesma forma de múltiplos significados de certo modo relacionados entre si) surge um problema adjacente: o de se saber em que medida é possível agrupar os significados, para

«*Planum e planus* – com a aceção material de *liso, igual, espalmado* e a figurada de *claro, manifesto, evidente, certo*, vivem no português *chão*... Depois *planus* foi importado de Castela, na forma *lhano* com a significação de *afável*. De Roma tornou a vir na forma erudita, inalterada – *plano*, na aceção de *projecto e planta*, tirada do Dicionário. Finalmente entrou pela quarta vez ou quinta vez – importado da Itália na forma *piano* (e *pianíssimo*) como adjectivo musical, significando *com pouca força, de vagar, de leve*; e como nome de instrumento de música, com teclas e cordas...» (MICHAEËLIS, Op. Cit., pg. 34).

⁵ Servi-me como fonte de sugestão, para o ponto de vista histórico, de: MANUEL FERREIRO – *Gramática histórica galega, II. Lexicoloxía*, Santiago de Compostela: edicions Laivento, 1997.

⁶ Veja-se, a este propósito, a base conceptual que está subjacente à Teoria da Linguagem de Herculano de Carvalho (JOSÉ G. HERCULANO DE CARVALHO – *Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*, Coimbra: Atlântida Editora: 1967 (Vol. I) e 1973 (Vol. II).

⁷ Voltaremos a insistir no facto de haver afectações na língua por agrupamentos: o que acontece em *cunhado*, acontece em *PARENTES* (que de ‘pais’) passa a designar apenas os ‘parentes’, a generalização de tio.

distinguir entre palavras (ou expressões) polissémicas e homónimas⁸. A ambiguidade, ou ambiguidade pragmática, dá-se com expressões que podem recobrir, além do significado literal, outros sentidos ou referentes, como acontece com a expressão «estou tão constipado!», proferida numa sala de aula em que haja uma janela aberta e que pode designar, além da afirmação nua e crua sobre a ‘constipação’, o pedido de fechar a janela, pedidos de desculpa por ter de se assuar constantemente ou de se ter de tossir, etc. O problema está em encontrar regularidades na mapeação destas funções tão diversas. Vimos que a semântica tradicional não conseguiu abrir a porta a uma explicação: a simples descrição da relação entre palavra e o mundo extralinguístico, quer se trate de uma entidade, quer de um estado de coisas descritos pela palavra.

2. A metáfora como criadora de regularidades

A linguística cognitiva procura mostrar que há efectivamente regularidades naturais e motivadas, mas em que não se toma como base o “mundo real” como ele é; são a percepção e a compreensão humanas do mundo que servem de base para a estrutura da linguagem humana. O que eu pretendo mostrar é que existe uma motivação na relação entre os vários sentidos de uma palavra, os actualmente existentes e os historicamente anteriores. Por “motivação” entendo o apelo à intuição na explicação na relação entre dois sentidos e que a relação entre estes dois sentidos é mais estreita do que a existente entre estes sentidos e um terceiro sentido. É possível, por exemplo, verificar quais os sentidos que historicamente deram origem aos sentidos posteriores e, nesse caso, é fácil estabelecer uma ligação semântica e cognitiva entre os dois sentidos. Esta regularidade pode levar-nos a encontrar numa palavra polissémica agrupamentos de sentidos⁹.

Não pretendo entrar na controvérsia sobre a demonstração de que a forma linguística e a função reflectam a estrutura conceptual humana e os princípios gerais da organização cognitiva. É que a relação entre a língua e o mundo está sujeita à mediação da experiência humana sobre o mundo: se VILANU designava ‘habitante de uma vila’ e passa a significar ‘rural’, ‘rústico’¹⁰ e finalmente ‘ruim’

⁸ Temos os exemplos clássicos de *ver*, no sentido de percepção física (*estou a ver um jacarandá à minha frente*) e de percepção intelectual (*vejo que me compreendes*), ou *banco* (‘assento’) e *banco* (‘instituição bancária’). Vejam-se ainda exemplos como *ideia brilhante*, *homem brilhante*, *luz brilhante*; *dia claro*, *pele clara*, *ideia clara*, *roupa clara*, etc.

⁹ A sistematicidade da língua dá-se tanto na forma como no conteúdo. Veja-se, por exemplo, a (quase) sistematicidade nas construções lexicais com –ARIA, criadora de adjetivos, depois substantivados, como denominação de árvores (frutíferas): FICUS → [ARBORE] FICARIA → figueira.

¹⁰ Veja-se ainda o caso RUSTICUM (derivado de RUS, ‘campo’) para *rústico*, ‘rural’, ‘inculto’ e que actualmente está a ganhar valor positivo por força da valorização do ‘natural’, do ‘feito à mão’.

(vilão), ou *meretriz* vem simplesmente de MERERE ('ganhar dinheiro') e passa a designar 'ganhar dinheiro com o sexo', é porque a experiência humana fez ligações por motivos culturais historicamente tipificados e estereotipizados. .

Por exemplo, no caso de *CANDIDUS*, que em latim significava 'branco' e 'branco brilhante', poderia também significar 'honesto', 'puro'. Isto é, há uma relação entre o mundo físico (da cor das formas) e um outro mundo (o da honestidade, da simplicidade), mas é a mediação humana, a experiência do homem que faz essa ligação: a nossa experiência figurativa ou pictural do mundo. A arbitrariedade da língua não é assim tão evidente: a iconicidade e outros factores têm um peso bem forte na escolha das formas, sem pormos em causa a convencionalidade da língua. Não se discute que a ligação entre *ver* e 'perceber algo pelos olhos' (*Estou a ver o jacarandá já sem flores*) seja arbitrária, mas essa ligação já não é arbitrária se considerarmos a ligação de *ver* com 'percepção intelectual' (*Vejo que estás do meu lado, vejo que me apoias*): este sentido de *ver* está muito mais próximo da percepção implicada em *ver*, do que em *sentir*¹¹, e muito menos em *correr*, *sentar-se* ou *comer*. Qual o motivo por que é *ver* que assume este sentido e não *sentir* ou *cheirar* (*cheira-me que tu estás comigo*)? Não se trata seguramente de um facto marginal na língua: a percepção visual é a mais segura, a que mais se aproxima de *conhecer*, *comprender* e *saber*: *vejo que estás do meu lado*, é 'ter a certeza', não é apenas *acredito que estejas do meu lado*, ou *sinto que estás do meu lado*¹².

É uma questão de organização conceptual e é esta que modela o processo de categorização e de lexicalização. O sistema orgânico do homem condiciona a linguagem, em que a percepção tem um papel importante. Tem-se como certo que a linguagem polissémica tem origem no uso metafórico: mas não é apenas a nossa linguagem, mas também o nosso conhecimento e, portanto, a nossa linguagem¹³. Se foi a palavra *candidus* que passou a designar, além de 'branco' também 'honesto', não é apenas algo acerca da língua: porque não foi escolhida a palavra *púrpura*? Não podemos continuar a pensar que a língua apenas se explica pela sua relação com o mundo: a razão por que *branco* ou *cândido* têm ligação directa, do ponto de vista moral ou social, com um valor positivo¹⁴ e *negro*, com os valores contrários, não tem apenas ligação com o mundo (*magia negra*, *mercado negro*,

¹¹ De qualquer modo, também em *sentir* há uma acepção próxima: *sinto que estás do meu lado*.

¹² Recorde-se a velha sentença: *uma coisa é ver e outra é (apenas) ouvir*

¹³ GEORGE LAKOFF / MARK JOHNSON – *Metaphors we live by*, Chicago: Univ. of Chicago Press, 1980

¹⁴ Fala-se de *branqueamento* de capitais, (crimes de) *colarinho branco*, *luva branca*, em que *branco* mantém o aspecto positivo: aparentemente positivo. Procura-se dar aspecto legal ao ilegal.

fim de semana negro)¹⁵. Mas também *branco* está ligado a aspectos negativos: *branqueamento de capitais*, (crimes de) *colarinho branco*, (resposta de) *luva branca*, em que *branco* mantém o aspecto positivo: aparentemente positivo. Procura-se dar aspecto legal ao ilegal. O mesmo não acontece com *cândido*, *candura*: por que é que motivo não se diz *canduramento de capitais*? E *negro* apenas está ligado a valores negativos: nunca ninguém se lembrou de representar Cristo sob a forma - que afinal é a verdadeira - de *negro*. E por que razão diremos *cândido* de aspectos de comportamento: ninguém dirá *roupa cândida* ou a *candura da roupa*? O significado das palavras não é necessariamente um grupo objectivo de eventos ou entidades, mas é sim um grupo de eventos ou entidades que o nosso sistema cognitivo liga de modo sistematicamente apropriado. A categorização linguística não depende apenas da distinção existente no mundo, mas também da nossa estruturação metafórica e metonímica, das nossas percepções do mundo.

3. A metáfora como transferência entre domínios

As palavras não adquirem novos sentidos de modo marginal e quando novos sentidos surgem por meio da estruturação cognitiva, os múltiplos sentidos sincrónicos de uma determinada palavra serão normalmente enquadrados entre si de um modo motivado. Ao estudarmos o desenvolvimento histórico de um grupo de palavras relacionadas entre si teremos a possibilidade de ver que espécie de estrutura sistemática preside ao nosso sistema cognitivo nos domínios mais relevantes.

A polissemia sincrónica e a mudança histórica do significado apresentam, de vários modos, dados similares. A ordem histórica em que os sentidos são acrescentados a palavras polissémicas informa-nos acerca da relação entre os sentidos. Isto ensina-nos que a nossa compreensão da estrutura cognitiva concebe primeiramente o vocabulário universal do espaço e, depois, é este vocabulário que adquire sentidos temporais, e não se verifica a direcção inversa. Não podemos separar a análise sincrónica da diacrónica. O problema da ligação entre conhecimento e a linguagem é o mesmo que a ligação entre sincronia e diacronia.

O significado está intimamente grudado à nossa experiência cognitiva: experiência no domínio cultural, social, mental e físico. Mas o conhecimento está estruturado, não está caoticamente disperso: está estruturado dentro dos domínios essenciais em que nós visionamos a realidade extralinguística.

¹⁵ Ou como explicar designações como *massa cinzenta*, *massa crítica*?

A análise em campos semânticos mostrou-nos como é que os significados estão intimamente ligados dentro de determinados domínios, e como os significados estão historicamente ligados¹⁶. Mas é forçoso reconhecer que é a metáfora a principal força na mudança semântica. A metáfora opera entre domínios, entre a visão e o conhecimento, entre o espaço e o tempo, e de modo tão natural como a ligação entre *dedo* e *mão*, ou entre *homem* e *mulher*. É um dos domínios mais prometedores no domínio da semântica: a ligação sistemática entre domínios.

Como temos vindo a dizer, o significado da palavra - na polissemia e não só - é uma entidade estruturada e unificada. Para se poder encontrar esta estrutura há que descobrir a conexão entre os diferentes (sub-)significados das palavras. Tanto a linguística diacrónica como a sincrónica privilegiaram o domínio dos sons em detrimento do significado. É que as limitações do significado são muito menores do que as que são impostas à nossa produção de sons: a capacidade para o significado (capacidade cognitiva) quase que não tem limites. E a análise lexical (sincrónica ou diacrónica) foi feita com base no modelo fonológico: a análise em traços. E na mudança semântica apenas se pensou no acrescento ou na supressão de um traço. Há que ver a tendência da mudança semântica: por exemplo, é um dado assente que a mudança vai do concreto para o abstracto. São parâmetros como este que possibilitam uma análise mais segura do que a análise em traços semânticos. O significado está grudado na compreensão do mundo por parte dos falantes e, por exemplo, a relação semântica metafórica não pode ser descrita como uma mudança de traços ou mesmo mudança de um grupo de traços: o que precisa de ser descrito é a passagem (a mapeação) de um domínio para outro domínio. É bem verdade que a semântica lexical europeia analisa com êxito as relações dentro de um domínio, mas a análise do campo lexical não pode explicar porque é que a polissemia e a mudança semântica atravessam campos: por exemplo, porquê *ver* e *conhecer* / *saber* seriam conceitos interligados, a percepção física e percepção intelectual. As relações polissémicas e a mudança semântica envolvem frequentemente mapeações metafóricas tais que não podem ser descritas como simples traços ou parâmetros. Por exemplo, quando 'branco' passa a significar 'cândido' é porque ocorre qualquer relação de parâmetros entre brancura e honestidade dentro de uma compreensão ampla das qualidades morais em termos de cor: uma compreensão que nem é objectiva nem facilmente redutível a termos de traços. Com isto

¹⁶ Veja-se a distinção feita em latim- no que costumamos designar como adjectivos de idade- entre UETUS, UETULUS, SENEX, ao contrário do que acontece em português: apenas temos *velho*, pois *senil* passa para outro domínio, o do comportamento, o do psicológico. Em *avelhentado* já é a velhice que vem antes do tempo.

não queremos dizer que a linguística histórica não tenha trazido dados importantes, mas mais no campo da fonologia e morfologia, e menos no campo da mudança semântica, ao procurar as raízes das palavras.

O ponto de partida foi dado por Benveniste: o da chamada reconstrução. Por exemplo a gramaticalização de morfemas, como it. *tuttavia* ('todas as vias'), que implica um abstracção, ou mesmo a passagem do demonstrativo para artigo definido, que passou a indicar numa representação mental, e na interacção discursiva, a acessibilidade a uma entidade, mesmo sem esta estar presente fisicamente (veja-se a passagem, no discurso, do emprego do artigo indefinido para apresentar uma entidade desconhecida, para o uso do artigo definido, uma entidade já introduzida no discurso).

Mas mais concretamente: o que é que liga um significado a outro e como é que as mudanças ocorrem? Mesmo na direcção tida como certa, a passagem do concreto a abstracto, porque é que um elemento do domínio concreto se associa a um significado abstracto específico e não a outro?

Há uma série de perguntas que é lícito fazer:

- porque é que *ouvir* assume o significado de 'obedecer' (a mesma ligação entre *hear* e 'obey')?
- o que é que liga a manipulação física com a compreensão intelectual? (Veja-se lt. *comprehendere*, ou o fr. *saisir*)?
- porque é que *caminho* passou a designar 'contudo' (*anyway, tuttavia, tuttavia*: 'todo o caminho')?

As palavras de emoção derivam frequentemente de palavras referentes a acções físicas ou sensações que acompanham as reacções relevantes, ou referentes a órgãos corporais afectados por aquelas reacções físicas¹⁷. Cá está a confirmação da passagem do concreto ao abstracto. Que a derivação do nosso vocabulário intelectual provém do vocabulário do corpo, é um facto. Como é que essa derivação se faz, qual é a ligação subjacente? É sabido como as cores suaves de uma parede produzem nas pessoas sentimentos claros e que a tensão e um sentimento de depressão acompanham determinados estados mentais: agora, poder-se-á explicar

¹⁷ Por exemplo, a função física do coração de bombear o sangue é muito afectado pelo amor, pela excitação, pelo medo, e qualquer emoção forte. Por isso mesmo o coração passou a simbolizar algumas destas fortes emoções, como a coragem, a paixão, etc.

assim as expressões como *pessoa amarga, palavras amargas e pessoa doce, palavras doces*¹⁸?

4. Metáfora e núcleos metafóricos

Devemos ainda observar que há núcleos metafóricos, como «more is UP» (LAKOFF / JOHNSON, *Op. Cit.*), que nos casos prototípicos condizem com o comportamento real da língua, mas há contra argumentos: um vaso cheio e depois de cheio começa a verter, um local destinado a guardar lixo depois de cheio começa a deitar fora, etc. Com toda a probabilidade a relação - motivação - entre a nossa experiência externa e os nossos estados emocionais e cognitivos é um facto, mas constatar as correlações não justifica os padrões da polissemia e da mudança semântica. Mas esta explicação tem de ser completada. A aproximação de dois domínios tem uma só direcção. É necessário explicar porque é que a orientação é unidireccional: a experiência corporal é a fonte para explicar os nossos estados psicológicos, mas a direcção inversa não se verifica. Isto é, explicamos os estados psicológicos através do vocabulário do nosso corpo, mas não o inverso. Ora esta unidireccionalidade pode muito bem explicar a natureza da metáfora.

Outros domínios surgem para apoiar esta teoria, como se deixa ver em argumento *muito forte*, premissa *fraca*, conclusão *forçada*, etc. Pode muito bem ser que a ligação entre o vocabulário do corpo e o da mente e das sensações seja possível, mas o que pode ser demonstrado (e que é apenas o nosso campo de análise) é a origem metafórica deste movimento.

Não pretendo alongar-me mais na explicação da projecção do vocabulário do corpo humano no restante vocabulário da língua, em que as partes do corpo servem de perspectivação na categorização e conceptualização do mundo extralinguístico (foi e é usual esse processo: *boca de um túnel e boca de um incêndio, olho marinho e dente de alho, barriga da perna, miolo de um problema, orelhão* (termo do português do Brasil para designar as modernas cabines telefónicas)¹⁹ ou sentimentos e comportamentos humanos são transpostos para a

¹⁸ A sinestesia explica-se pelo facto de uma sensação fisiológica do corpo não ser estimulada e ser essa sensação a dar uma resposta conceptualizada categorizadora da realidade extralinguística, lexicalizando-a dentro do seu domínio. A sinestesia é o processo psicológico pelo qual um tipo de estímulo sensorial produz uma sensação subjectiva secundária pertencente a outro sentido: por exemplo, a ligação entre o paladar e o intelectual (*pessoa amarga, palavras amargas*), entre o ouvido e o paladar (*voz doce*).

¹⁹ É evidente que também as coisas inanimadas servem para designar partes do corpo: *testa, guedelha*: (VITICOLA, dim. de VITIS), *arca do peito, madeixa* de MATAXA ('fio'). Há naturalmente

lexicalização de processos que se passam com as coisas (*material cansado, fadiga do material, etc.*)²⁰.

5. Conclusão

A base do nosso raciocínio foi o de que a semântica apenas é limitada pela nossa capacidade de significar, de conhecer, o que é muito mais ampla do que a capacidade física para produzir sons. Por outro lado, a mudança semântica não se dá apenas na transferência de... para..., ou no acrescentamento ou perda de um traço: teremos de ver isso num conjunto, é que o homem agrupa (faz a transferência de um domínio para outro). Por exemplo, a ligação de *branco/ cândido* com 'honestidade', não deve ser visto apenas neste domínio, mas sim na compreensão geral do homem da honestidade com o domínio das cores, o que nem é objectivo, nem é explicável apenas por traços.

A passagem do "ver físico" para a "percepção intelectual" é porque (o órgão de) a visão apreende à distância os aspectos mais salientes, tratando-se de uma capacidade mais poderosa do que as outras. Assim como os objectos são opacos ou transparentes, também os argumentos são transparentes ou opacos (*o teu argumento não tem consistência, não estou a ver (a)onde queres chegar*), há uma razão oculta, uma visão aguda (*pessoa de vista larga, um olhar penetrante, inteligência escondida*). Ou o *ouvir / escutar* desviam-se do físico para o moral ('obedecer, cumprir ordens': *bem te avisei, mas tu não me ouviste*): é que a audição não opera à distância (ou a tão grande distância como a visão) e está mais ligada à proximidade, à subjectividade. *Conhecer* é 'nascer com' (bem visíveis ainda em fr. *connaître* e lt. *cognoscere*), *entender (intus legere)*, *compreender* é

outros "veículos" (ou pontos de partida): basta só ver exemplos como *fornada* (de forno), 'cozedura de pão' para designar 'camada de crias de animais', 'camada de alunos que se formam num curso), etc. Aqui há sempre uma referência ao homem ou à sua actividade: trata-se da humanização da terra e da vida.

²⁰ Não me referi à metonímia como fonte de enriquecimento do léxico da língua. Os referidos fenómenos de ampliação (como lt. SALARIUM, que de 'salário', inicialmente o pagamento que se dava aos soldados para comprar sal, passou a designar todo e qualquer pagamento (ao lado de *pré, pensão, gorjeta, direitos de autor*, etc. ou DENARIU, moeda de prata que valia dez ases, que passa a designar toda e qualquer moeda) ou de restrição; PARENTES que de 'pais' passou a designar (*parentes*) qualquer espécie de parentesco, ou SECRETARIU 'pessoa que guardava os segredos' para secretário, *cunhado* (COGNATU: 'parente'), *segar* (SECARE: 'cortar'), *convento* (CONVENTU: 'ruína'), *mondar* (MUNDARE: 'purificar, limpar'). Poderíamos aqui ainda mencionar as chamadas formações divergentes de que resultam pares como: *comungar, comunicar, mezinha e medicina*, formações estas que merecem a Carolina Michaëlis uma atenção muito especial (cfr. Op. Cit., pags. 33 e ss.).

‘segurar fisicamente’ (também o fr. *saisir*), *saber* tem a ver com ‘sabor’ (lt. *sapere*)²¹, *cheirar* (lt. *fragrare*, fr. *flairer*: *que andas p’raí a cheirar?*).

Há evidentemente uma ligação constante entre o corpo e as sensações de uma lado e as acções físicas ou sensações e reacções físicas provocadas no corpo por outro lado. O facto de a função do coração a bombear sangue que aumenta com as emoções fortes, tornou o coração símbolo do das emoções. Que ligação há entre *pessoa amarga* e *pessoa doce*? O prazer ou o desprazer que provocam na convivência? E estamos aqui perante o que podemos designar por motivação prototípica. A metáfora, como fonte conceptual, é capital para a explicação da análise semântica, tanto sincrónica como diacrónica.

Mário Vilela
(Universidade do Porto)

²¹ Em ptg. ainda se mantêm os dois valores: *este almoço soube-me bem e ela soube o que estava a fazer.*